

PERANTE A CRIANÇA

Louvido seja o Senhor de nossas vidas.

Objetivando a unificação dos trabalhos doutrinários, em primeira fase nas terras de Santa Cruz;

alcançando o alvo de nossa primeira etapa na sementeira da fraternidade nos postos federativos;

regozijando-nos, no Senhor, pelo evento que nos dignifica e encoraja, prossigamos com Jesus a nossa tarefa de evangelização, base angular da unificação.

O "deixai vir a mim os pequeninos" tem o seu significado mais amplo neste momento.

Ergueu o Mestre o grande Cristianismo sobre as palhas de uma manjedoura e edificou seus ensinamentos na posição de Carpinteiro humilde, orando com os pescadores, servindo-se de rude barca por tribuna de suas mais profundas prédicas; habitou provisoriamente a casa de Pedro, dignificando-a como cenáculo de estudos familiares, e caminhou ao encontro de sua ressurreição, pelas vias de dolorosos sofrimentos, abrindo os braços vitoriosamente para a Humanidade.

Eis por que, hoje, o Mundo Espiritual concentra a sua atenção maior no pequenino que dá os seus primeiros passos na via de novas experiências. Na simplicidade do coração infantil, na beleza da criança — Espírito esquecido de seu passado e portador, no presente, da misericórdia divina pela porta da reencarnação —, projeta o Alto o delineamento do mais significativo investimento.

O campo foi preparado através de 2000 anos de Cristianismo; os Mensageiros do Alto falaram

sobre o Amor Divino, a Caridade fraterna, a Ciência e a Filosofia unidas à Religião, para reerguer o mundo e colocá-lo no seu pedestal de glória.

Hoje, a Terra está pronta, e a sementeira lançada necessitará dos cuidados dos semeadores para que a colheita seja farta.

O Reino Divino não vem com estrondos e trombetas, mas na singela palavra da criança tímida, na meiguice dos olhos infantis, para amadurecer no jovem...

Contemplemos, filhos, o futuro que se aproxima. De braços abertos, ergamos nossa voz aos Altiplanos da Espiritualidade, em preces de gratidão, e vençamos os labores de nossa jornada, para que o Cristo e Senhor nosso seja, no mundo, o Divino Pastor da Humanidade.

Preparemo-nos, atendendo ao alto mister que o Senhor nos confia. Não importa nossa condição humilíssima de aprendiz; porfiemos por servir, sem desfalecimentos e com o mesmo amor com que o Mestre nos ama.

Glória a Deus!

Glória ao Senhor!

A gratidão de

BEZERRA

(Página psicografada pela médium Maria Cecília Paiva, na noite de 2 de fevereiro de 1978, na Federação Espírita Brasileira, no Rio de Janeiro-RJ.)

promessas de Jesus, restabelecer a pureza de seus ensinamentos, falseados através das idades, e erigir o lábaro da Nova Revelação sobre o cairal de mil conturbadas paixões.

A tarefa assumia relevos verdadeiramente desanimadores.

Nas épocas de transição, só os gigantes do pensamento envergavam a entibração de aço, personificada nesse herói da grega mitologia que estrangulou a hidra de Lerna, domou o touro da ilha de Creta e conseguiu subtrair os frutos de ouro do jardim das Hespérides.

Kardec mediou a travessia eriçada de abrolhos, cavada de pélagos vorazes, com esse olhar da águia que aprende, desde nova, a só titar os alcantis alterosos.

A sua responsabilidade era tão grande como a obra, a cuja edificação vinha consagrar todas as

energias e estremecimentos de uma alma que se devota ardentemente à causa do bem comum.

Vacilar ou esmorecer seria o retardamento do progresso humano em sua marcha ascensional aos páramos da luz.

Aquele Titã do Espiritualismo contemporâneo, antes se deixaria esmagar ao peso de desventuras imensas do que retroceder em face das oposições levantadas pelo egoísmo dos sistemas filosóficos e credos religiosos a se digladiarem encarniadamente.

Iniciada a trajetória que se traçara, obedecendo aos nobres impulsos de uma compleição diamantina, seguiu-a sem discrepâncias até ao marco extremo, com a serenidade dos justos e o desassombro dos fortes coroando-lhe a frente em fúlgidos diademas.

As farpas da inveja e da calúnia, a baba dos preconceitos, os gritos dos interesses inconfessáveis feridos em seus redutos, debalde se insurgiram contra os salutaros princípios entefixados possantemente por sua lógica de bronze.

Esses embates sem norte se estilhaçavam de encontro à couraça de suas convicções luminosas.

É que ele era a viva encarnação da tenacidade posta ao serviço de sentimentos puríssimos.

Por fim as tubas do triunfo desatavam já as suas festivas notas, quando a morte o surpreendeu no retinir das pelejas.

O estrênuo lidador caiu como o cedro da floresta ao sopro dos furacões, mas o seu Espírito ascendeu mais refulgente aos visos da imortalidade.

(Extraído de "Reformador" de 1908, página 108.)